

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta Tese será disponibilizado somente a partir de 04/06/2023.



Jorgelina Rivera

***MNEMOSYNE E PÓS-UTOPIA NO FLUXO DO RIO LETE:
A TRANSCRIÇÃO DE BLANCO***

Araraquara – São Paulo

2021

JORGELINA RIVERA

***MNEMOSYNE E PÓS-UTOPIA NO FLUXO DO RIO LETE:
A TRANSCRIÇÃO DE BLANCO***

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* Araraquara (FCLAr/Unesp), como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e críticas da poesia

Orientadora: Prof^ª Dra. Diana Junkes Bueno Martha

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Araraquara – São Paulo

2021

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio do *Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação* (PEC-PG) – Brasil.

Processo nº 88881.131000/2016-01

This research was financed by the *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (Capes), on the *Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação* (PEC-PG) – Brazil.

Code process 88881.131000/2016-01

FICHA CATALOGRÁFICA

R621m	Rivera, Jorgelina Mnemosyne e Pós-utopia no fluxo do rio Lete: a transcrição de Blanco / Jorgelina Rivera. -- Araraquara, 2021 298 p. : il., fotos Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara 1. Memória. 2. Pós-utopia. 3. Haroldo de Campos. 4. Octavio Paz. 5. Transblanco. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JORGELINA RIVERA

***MNEMOSYNE E PÓS-UTOPIA NO FLUXO DO RIO LETE:
A TRANSCRIÇÃO DE BLANCO***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCLAr/Unesp Araraquara), como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários

Linha de pesquisa: Teorias e Críticas da Poesia

Orientadora: Prof^ª Dra. Diana Junkes Bueno Martha

Com **Bolsa CAPES** – Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)

Data da defesa:

04/06/2021

Local:

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr)
Campus de Araraquara

COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Diana Junkes Bueno Martha

Presidente e Orientadora | Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof^ª Dra. Débora Morato Pinto

Membra Titular | Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof^a. Dra. Raquel Bernardes Campos

Membro Titular | Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Assis

Prof. Dr. Júlio Cesar Mendonça

Membro Titular | Centro de Referência Haroldo de Campos – Casa das Rosas

Prof^ª Dra. Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan

Membra Titular | Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Araraquara

*PARA MI PAPÁ:
Todavía, a veces, en silencio,
te escucho silbar canciones
e fico feliz que umas das últimas foi do
Almir Sater.*

*Muchas gracias por todo
lo que hiciste por mí.*

(IN MEMORIAM)

AGRADECIMENTOS

A DEUS.

A MINHA FAMÍLIA: minha mãe, meus pais do coração, meu esposo e meu filhinho, alicerces da minha vida.

À minha orientadora, DIANA JUNKES BUENO MARTHA, que além de orientadora é uma grande amiga cujo dom é o de utilizar as palavras para inspirar os próximos. Agradeço imensamente por esses anos de aprendizado, tanto no conhecimento como no carinho, do início ao fim, nesse percurso constelar.

Aos professores RODOLFO MATA e ANTONIO ESTEVES, pela generosidade em suas palavras de indicação e pela confiança em mim depositada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr e convidados da UFSCar no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (BRUNNO VIEIRA, ANTÔNIO DONIZETI PIRES, FABIO WEINTRAUB, EZEQUIEL SAFERSTEIN e JOSÉ MUNIZ JR.); especialmente ao Prof. Dr. PAULO ANDRADE, quem me concedeu, junto à turma de estudantes diurnos e noturnos, a realização do estágio de docência no ensino superior em 2018. Agradeço pela sua paciência, pela boa disposição em avaliar as aulas ministradas e, especialmente, pelo aprendizado nesta etapa do Doutorado.

Aos integrantes da banca de qualificação e defesa DEBORA MORATO PINTO, ADALBERTO LUIS VICENTE, JULIO MENDONÇA, RAQUEL BERNARDES CAMPOS e MARIA DE LOURDES ORTIZ GANDINI BALDAN pelas valiosas contribuições e pelo momento de aprendizado compartilhado.

À minha querida amiga GABRIELA BRUSCHINI GRECCA, colega na FCLAr que compartilhou comigo esse árduo percurso de quatro anos. Agradeço pelas conversas construtivas, pelos cafezinhos e pelo auxílio/apoio em diversas ocasiões.

À minha estimadíssima amiga LAURA, voz da razão, objetiva na sua inabalável sensibilidade, companheira, sempre disposta a dar seu ponto de vista: você é luz.

Ao JÃO MEDEIROS, grande Medeiros, leitor sensível de poesia, poeta e gestor da minha vinda ao Brasil. Obrigada pelas primeiras aulas de português e, especialmente, por “*Talentosos, ma non troppo*”, onde *tudo* começou.

Ao FEDERICO CABAÑAS, professor querido da graduação na *Universidad Nacional del Comahue* e quem gentilmente me acudiu com a tradução em grego de um dos poemas de Haroldo.

À equipe técnica do setor de Pós-Graduação e aos funcionários da biblioteca, pela sua gentileza e pela boa vontade em todos os momentos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aquele imenso perigo primordial de toda tradução: os portais de uma linguagem tão ampliada e tão completamente dominada ameaçam abater-se e emurar o tradutor no silêncio.

(HAROLDO DE CAMPOS, *A arte no horizonte do provável*, 1969)

Em matéria de literatura, é sempre bom colocar-se, de quando em quando, a diacronia em pânico. “O pulo tigrino no passado”, como o descreveu Walter Benjamin com faro dialético. Tratamento de cura preventiva contra o respeito reverencial dos historiadores de ofício. Que sempre virão outra vez arrumar nas prateleiras os autores e obras temporariamente deslocados dos nichos “gloriosos”, pois têm ouvidos à prova de abalos sísmicos, paciência cadaverosa e uma suspicácia vaticana diante do milagre.

(HAROLDO DE CAMPOS, *A operação do texto*, 1976)

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa objetiva-se estudar a relação entre memória e criação de precursores na obra de Haroldo de Campos em sua etapa pós-utópica. Considerando a pós-utopia como uma poética da *agoridade*, fortemente marcada pela articulação da poética sincrônica com uma visão de história aberta no sentido benjaminiano de “leitura do passado como relampeja” (Tese IX), fica patente a importância da reconstrução crítica dos precursores como expediente que possibilita a revisão e a reinvenção do cânone, seja pela criação ou pela transcrição. Nesse sentido, caberia avaliar em que medida a *memória* como categoria de articulação entre pensamento, passado e presente, como rememoração e limiar, mostra-se crucial para a compreensão do processo criativo haroldiano em sua fase pós-utópica, acentuada a partir de 1981 com a publicação de *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. Um dos livros em que o expediente memorialístico mais se manifesta é *A educação dos cinco sentidos* (1985), que tem sido menos estudado se comparado proporcionalmente ao restante da obra – e por isso é que o elegemos como parte do *corpus* da pesquisa. Finalmente, o ponto zênite da tese encontra-se na análise de uma obra traduzida na sua etapa pós-utópica, que é *Transblanco* (1986). Logo após a construção teórica sobre a importância da memória e a tradução para Haroldo de Campos estabelecemos uma comparação entre a tradução de Haroldo e o original, *Blanco* (1967), de Octavio Paz. Além de cotejar ambos os textos, conferimos semelhanças na teoria da tradução de ambos os autores e, como fecho, a comparação entre a pós-utopia haroldiana – que abriu o trabalho com a pós-utopia do escritor mexicano. A originalidade da pesquisa reside em investigar o papel da memória e sua articulação com a poética sincrônica e com a visão de história mobilizada por Haroldo de Campos; tal originalidade estende-se, ainda, na medida em que essa investigação privilegiará as relações do poeta com o pensamento de Walter Benjamin sobre a história, e não apenas em relação à “Tarefa do Tradutor”, como normalmente a fortuna crítica postula. Além disso, a inclusão das considerações de Henri Bergson sobre a memória e a leitura que dele é feita por Benjamin configuram-se como uma abordagem ainda inédita para a obra de Haroldo de Campos. Destarte, é um estudo da obra haroldiana, de fôlego, que se propõe com a presente pesquisa.

Palavras-chave: Memória. Pós-utopia. Haroldo de Campos. Octavio Paz. *Transblanco*.

RESUMEN

En este trabajo de investigación se objetiva estudiar la relación entre memoria y creación de precursores en la obra de Haroldo de Campos, en su etapa pos-utópica. Considerando la post-utopía como una poética de la *ahoridad*, fuertemente marcada por la articulación de la poética sincrónica y de una visión de historia abierta, en el sentido benjaminiano de “lectura del pasado como relampaguea” (Tesis IX), se torna evidente la importancia de la reconstrucción crítica de los precursores como expediente que posibilita la revisión y la reinención del canon, sea por la creación o por la transcripción. En este sentido, cabría evaluar en qué medida la memoria como categoría de articulación entre pensamiento, pasado y presente, como rememoración y umbral, se muestra crucial para la comprensión del proceso creativo haroldiano en su fase post-utópica, acentuada a partir de 1981 con la publicación de *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. Uno de los libros en que el expediente memorialístico se manifiesta de forma más acentuada es en *A educação dos cinco sentidos* (1985), que ha sido menos estudiado si se compara proporcionalmente al restante de la obra y por eso es que lo elegimos como parte del *corpus*. Finalmente, el punto cenit de la tesis se encuentra en el análisis de una obra traducida en su etapa post-utópica, que es *Transblanco* (1986). Después de la construcción teórica sobre la importancia de la memoria y la traducción para Haroldo de Campos se establece una comparación entre la traducción de Haroldo y el original, *Blanco* (1967), de Octavio Paz. Además de cotejar ambos textos comprobamos la existencia de semejanzas en la teoría de la traducción de ambos autores y, como cierre, la comparación entre la post-utopía haroldiana, que abrió el trabajo, con la post-vanguardia del escritor mexicano. La originalidad de la investigación reside en investigar el papel de la memoria y su articulación con la poética sincrónica y con la visión de historia movilizadora por Haroldo de Campos; dicha originalidad se extiende, además, en la medida en que esta investigación privilegiará las relaciones del poeta con el pensamiento de Walter Benjamin sobre la historia, y no solamente en relación a la “Tarea del Traductor” como normalmente la crítica postula. Asimismo, la inclusión de las consideraciones de Henri Bergson sobre la memoria y la lectura que es hecha sobre él por Benjamin configuran un enfoque aún inédito para la obra de Haroldo de Campos.

Palabras-clave: Memoria. Post-utopía. Haroldo de Campos. Octavio Paz. *Transblanco*.

ABSTRACT

This research aims to study the relation between memory and the creation of precursors in the post-utopia stage of Haroldo de Campos's work. Considering post-utopia as a poetic of nowness, strongly marked by the articulation of a synchronic poetics and an open view of history, from Benjamin's perspective of history as "reading the past as flashing" (Thesis IX), the relevance of a critical reconstruction of precursors is made clear, as an activity that allows for the revision and reinvention of the canon, is made clear, whether done through creation or transcreation. Therefore, one should evaluate up to what point memory, as a category of the articulation of past and present thought, as a remembrance and threshold, is crucial to understand Campos's creative process in its post-utopia stage, more pronounced from 1981 on with the publication of *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. One of the books in which a memorialist attempt can be seen the most clearly is *A educação dos cinco sentidos* (1985), which is seldom studied, when compared to the rest of the poet's work, which led us to include it as a part of our corpus. Finally, the zenith of this thesis is in the analysis of a work Campos translated in his post-utopia stage, *Transblanco* (1986). After the theoretical construction about the importance of memory and translation for Haroldo de Campos, we compared Campos's translation and the original, *Blanco* (1967), by Octavio Paz. The texts were compared and similarities between the theory of both authors about translations were found, discussion which concluded with a comparison between Campos's post-utopia, which was discussed in the opening of this work, and Octavio Paz's postvanguardism. The originality of this research is associated with the investigation of memory and its articulation with synchronous poetics and the perspective about history mobilized by Haroldo de Campos. This originality is even more pronounced as this investigation privileges the relations of the poet with Walter Benjamin's thoughts on history, and not only as they relate to "The Task of the Translator", as critics usually postulate. Furthermore, Henri Bergson's considerations about memory, and their reading by Benjamin, had never been used as an approach to the work of Haroldo de Campos. Consequently, an in-depth study of Campos's work is what this research proposes.

Keywords: Memory. Post-utopia. Haroldo de Campos. Octavio Paz. *Transblanco*.

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1.....	21
A MEMÓRIA EM HAROLDO DE CAMPOS. <i>MNEMOSYNE</i> , A MEMÓRIA DE BERGSON E A REMEMORAÇÃO BENJAMINIANA	21
1.1 Memória/ <i>mnemosyne</i>	21
1.2 Matéria/Memória de Henri Bergson	24
1.3 Memória/História: crítica de Beatriz Sarlo e a articulação entre Walter Benjamin e Henri Bergson.....	40
CAPÍTULO 2.....	52
A MEMÓRIA EM ALGUNS DOS POEMAS DE <i>A EDUCAÇÃO DOS CINCO SENTIDOS</i>	52
2.1 Análise de “A educação dos cinco sentidos”	52
2.2 Outros poemas relacionados à Memória/História.....	60
2.3 Considerações sobre a memória a partir de J. M. Gagnebin. Entrecruzamentos com Walter Benjamin e Henri Bergson	77
CAPÍTULO 3.....	86
A OPERAÇÃO TRADUTÓRIA EM HAROLDO DE CAMPOS: TRANSCRIÇÕES	86
3.1 A memória/tradução haroldiana. A presença de Walter Benjamin	86
3.2 Conceitos fundamentais na tradução haroldiana: transcrição, plagiotropia, transparadização, transluciferação	106
3.3 Transluminuras: poemas transcriativos	119
3.4 Sobre a teoria da tradução haroldiana. Abertura à <i>Transblanco</i>	139
CAPÍTULO 4.....	144
A TRADUÇÃO EM CAMPOS E PAZ. CONTRAPONTO ENTRE <i>BLANCO</i> E <i>TRANSBLANCO</i>	144
4.1 Preliminares.....	144
4.2 Octavio Paz e a poética sincrônica.....	145
4.3 Memória/Transcrição/Limiar	150
4.4 Contato entre ambos os poetas.....	166
4.5 <i>Blanco/Transblanco</i>	179
4.6 O diálogo latino-americano entre <i>Blanco</i> e <i>Transblanco</i>	225
CAPÍTULO 5.....	231
A PÓS-UTOPIA EM DIÁLOGO COM OCTAVIO PAZ.....	231
5.1 Pós-utopia em Haroldo de Campos	231
5.2 Pós-utopia e pós-vanguarda	238
5.4 Pós-utopia, memória, transcrição e Octavio Paz.....	265
5.5 Uma divergência entre pós-utopia e pós-vanguarda.....	272
CONCLUSÃO.....	274

INTRODUÇÃO

O conto borgeano “*Funes, el memorioso*”¹ retoma um dos assuntos fundamentais para a presente tese: a importância da memória junto ao esquecimento. A personagem central possuía uma qualidade fora do comum. Lembrava cada um dos detalhes das pessoas, dos objetos, das paisagens que o cercavam. Assim, suas recordações se tornavam quase-infinitas, e ela era vítima desta condição pois não conseguia dormir – a insônia se apoderava dela, impedindo-a de filtrar recordações inúteis.

A poética haroldiana, pelo contrário, possui uma função seletiva das recordações, da tradição literária: trata-se de uma literatura sincrônica, possuidora de vastas lembranças, mas recortadas. Uma poética seletiva. Poderíamos asseverar que se trata de uma poética *anti-Funes*. Nesta empreitada, nos dedicamos à poética haroldiana na sua fase pós-utópica, especialmente através da comparação entre *Blanco*, de Octavio Paz (1986; 1994 [1967]), e a tradução haroldiana *Transblanco* (1986; 1994). Adicionalmente, foram utilizados alguns poemas de *A educação dos cinco sentidos* (2013 [1985]), pelo viés da importância da memória (e do esquecimento), da pós-utopia e da tradução no seu projeto poético.

Considerando o posicionamento de Gonzalo Aguilar em *Orígenes de Haroldo de Campos* (AGUILAR, 2000), acreditamos que o momento de criação poética não possa começar do zero e, portanto, ele não é uma situação de início, já que nossas palavras já pertenceram a outras décadas, séculos e milênios atrás (RIVERA, 2015, p. 68). O “eu” não existe na escritura, e sim um “nós”, infinito, que se reproduz incessantemente na figura de cada um dos escritores em todas as épocas.

De este modo, el lector es libre de entrar en el texto desde cualquier dirección, no existe una ruta correcta. La muerte del autor es algo casi inherente al estructuralismo, ya que considera los enunciados individuales (*hablas*) en tanto productos de sistemas impersonales (*lenguas*). Lo novedoso en Barthes es la idea de que los lectores son libres de abrir y cerrar el proceso de significación del texto sin tener en cuenta el significado, como lo son de disfrutar de él, de seguir a voluntad el recorrido del significante a medida que se desprende y escapa del abrazo del significado. Los lectores son sedes-del imperio del lenguaje, pero tienen la libertad de conectar el texto con sistemas de sentido y no hacer caso de la «intención» del autor (SELDEN, 1989, p. 93).²

¹ Uma versão do conto traduzida para o português por Marco Antonio Franciotti está publicada na obra *Jorge Luis Borges: Prosa Completa* (Barcelona: Bruguera, 1979, vol. 1. p. 477-484), e se encontra disponível no seguinte endereço: <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20141/SLC0630-1/Funes,%20o%20Memorioso.pdf>.

² Tradução livre: “Deste modo, o leitor é livre para entrar no texto de qualquer direção, não existe uma rota correta. A morte do autor é algo quase inerente ao estruturalismo, já que considera os enunciados individuais (falas) em tantos produtos de sistemas impessoais (línguas). O novo em Barthes é a ideia de que os leitores são

Assim, tal como argumentamos na dissertação de Mestrado intitulada *Duas poéticas da leitura: tradição e invenção de precursores nos projetos literários de Jorge Luis Borges e Haroldo de Campos* (RIVERA, 2015), chegamos à conclusão de que a literatura pode definir-se como um recorte ou uma seleção de cada um dos escritores no seu ponto aléptico – o que, na esteira de Borges, atribuímos, aqui, ao projeto literário individual, composto de coletividades seletas; nesse sentido, a poética sincrônica haroldiana interconecta também os diferentes tempos em um só:

O jogo entre tradição e novidade, em Haroldo, pode, portanto, ser entendido como um duplo processo de constituição, exatamente nos moldes da Musa épica, filha da memória (tradição) e do poder criativo (invenção), daí se acentuar a relação *musical* de Haroldo com a dicotomia antigo/novo; daí a necessidade da busca incessante de *um grito que um galo antes*, por parte do poeta (TONETO, 2012, p. 180).

A memória (ponto essencial para Haroldo de Campos) filia-se à viagem sincrônica pelo tempo (que não é linear, mas múltiplo e composto de vai-véns) e recolhe a matéria-linguagem dos seus poemas para compor um painel de uma consciência que percebe a experiência da humanidade como possibilidade de múltiplas transcrições, ou seja, o *novo* e a *invenção* surgem a partir dos escolhos do naufrágio, como afirma Haroldo em *Depoimentos de Oficina* (2002).

A pós-utopia haroldiana se estabelece/se origina a partir do *princípio-realidade*, deixando de lado o *princípio-esperança* que regia as vanguardas. Esse primeiro princípio se caracteriza por possuir um matiz crítico a respeito dos projetos ou das concepções do futuro que produzem um discurso unificador e utópico. Assim, o poeta paulista se apropria dos diversos passados, deixando de lado o tempo futuro e centrando-se no presente – o contemporâneo, que dialoga com as vozes do passado. A pós-utopia, aliás, se relaciona com essa liberdade, em que a memória é recuperada e propõe-se como uma literatura aberta, na qual existem diferentes conexões por meio de autores, poemas, filósofos e figuras das diferentes artes. A história se abre às ruínas da vanguarda, da história, para ser pensada em termos presentes. Há, então, uma troca do *princípio-esperança* pelo *princípio realidade*. Haroldo fala em *princípio-realidade*, que o situa no agora, no tempo presente, que ressignifica o passado a partir de um diálogo/intercâmbio. Por isso, para além dos seus trabalhos poéticos, Haroldo escolhe trabalhar com a tradução, pois ela permite recuperar textos do passado e outorga-lhes uma nova luz mediante as novas leituras que serão feitas.

livres para abrir e fechar o processo de significação do texto sem ter em conta o significado, como desfrutar dele, de seguir à vontade o percurso do significante à medida que se desprende e escapa do abraço do significado. Os leitores são sedes: do império da linguagem, mas têm a liberdade de conectar o texto com sistemas de sentido e de não prestar atenção à «intenção» do autor” (SELDEN, 1989, p. 93).

A tradução desbabeliza o mundo, permite que uma língua se torne outra, interconectando as diferentes literaturas, além das línguas, no espaço e no tempo. Nesta questão, ampliando a leitura histórica do *Angelus Novus*, título latino da obra de Paul Klee e que Walter Benjamin menciona na obra *Sobre o conceito de História* (1940), pode-se dizer que também a tradução é uma operação de entrelugar (*agoridade*) entre o passado e o futuro. Segundo a interpretação do filósofo, o anjo possui o seu rosto dirigido para o passado, descrito como uma ruína em que os diferentes acontecimentos conformam uma catástrofe. O seu desejo é de juntar os fragmentos da história e, a partir deles, construir novos relatos. Segundo o ponto de vista benjaminiano, a tempestade do progresso o impele para o futuro, mesmo que este se encontre de costas para o anjo. A tradução, desde o nosso ponto de vista, em direta relação com esta imagem, pode definir-se como um *agora* em que o passado é recuperado; assim, o anjo, por meio da operação tradutora, pode juntar aqueles fragmentos perdidos, reviver os mortos e seguir rumo à tempestade do futuro.

Consideramos a tradução uma operação que forma parte de memória. Ela exerce, então, um grande peso na leitura da tradição. A tradução, por recuperar uma obra, não só pertence ao passado, ao tempo do autor; situa-se no presente, no tempo do tradutor e poderia considerar-se uma expansão deste – o futuro fica num lugar inacessível, pois ela é crítica deste, por isso é pós-utópica.³ Assim, esse modo de escrever possui uma função crítica e renovadora da tradição, conforme apontam largamente os seus estudiosos. Nesse espectro, desde a poesia concreta, um dos eixos centrais da escritura haroldiana está calcado na memória, ao contrário do que muitos poderiam pressupor:

Tenho dito, em mais de uma oportunidade, que a ‘poesia concreta’ dos anos 50 e 60 [...] ensinou-me a ver o concreto na poesia; a transcender o ‘ismo’ particularizante, para encarar a poesia, transtemporalmente, como um processo global e aberto de concreção sígnica, atualizando de modo sempre diferente nas várias épocas da história literária e nas várias ocasiões materializáveis da linguagem (das linguagens). Safo e Bashô, Dante e Camões, Sá de Miranda e Fernando Pessoa, Hölderlin e Celan, Góngora e Mallarmé são, para mim, nessa acepção fundamental, poetas concretos (o “ismo” aqui não faz sentido). Por isso, a poesia “pós-utópica” do presente (que não necessita mais, para definir-se, de recorrer a uma “oposição dominante”, seja a um dado passado, seja a si mesma, conforme o requeria o esquema característico do conceito de modernidade em seu processo histórico-evolutivo de auto-afirmação) tem, como poesia da agoridade, um dispositivo crítico indispensável na operação tradutória. O tradutor, como diz Novalis, “é o poeta do poeta”, o poeta da poesia. A tradução – vista como prática de leitura reflexiva da tradição – permite recombinar a pluralidade dos passados possíveis e presentificá-la, como diferença, na unicidade *hic et nunc* do poema pós-utópico (CAMPOS, 1997a, p. 269).

³ Retomamos a questão da tradução em Haroldo de Campos no capítulo terceiro.

Assim sendo, o escritor paulista retoma, por meio da leitura, os escritos que conformam o *paideuma*⁴ de seu projeto literário dotando-os de uma nova significação para criar os seus próprios textos e para traduzir. Ele recorta as memórias – por isso o consideramos anti-Funes. Na operação tradutória, Campos relê textos que considera *fundamentais* para recuperá-los e estabelecer o diálogo com a literatura brasileira. Trata-se de uma operação em que a memória é uma peça fundamental dado que, para recuperar os textos do passado, é necessário um trabalho de leitura e de recorte (RIVERA, 2015). O tradutor tem a tarefa de transportar, em outro idioma, o passado, para fazê-lo dialogar com o presente e, segundo Campos, o trabalho só será completado quando a tradução permitir recuperar não só o conteúdo, senão também uma aproximação da forma. Por isso um tradutor seria considerado um *poeta do poeta* (Novalis) (CAMPOS, 1997a, p. 269); é necessário, para o poeta paulista, reconstruir o texto ou poema de uma outra forma, considerando o original, mas criando uma nova versão, que se adapte à nova língua.

Navegar é sempre preciso – Borges já sabia disso algumas décadas antes quando, por exemplo, invocava o lendário Ulisses no seu ensaio “*El último viaje de Ulises*” (2011 [1982]), em um escrito no qual a intertextualidade tem um papel central. O escritor argentino, além de rememorar a personagem de Homero, efetua um recorte (ou esquecimento) ao retomar uma pequena imagem da vasta obra do escritor grego. A partir da leitura de Borges e Haroldo, podemos defender que essa operação de recorte também é feita por Haroldo de Campos quando ele escolhe traduzir certos fragmentos de obras e não por inteiro, a exceção de *Ilíada*. Portanto, podemos afirmar que tanto as lembranças como o esquecimento – peças que se articulam na memória – são fundamentais para poder sobreviver e essenciais para a permanência e transformação da história da literatura.

A relação de Haroldo de Campos com a tradição consiste numa procura de formas e do discurso poético para resgatar aquilo que vale a pena ser relido sob a influência de uma nova época das artes, da cultura, da história. Um exemplo significativo para essa asseveração encontra-se já numa das suas primeiras obras, *O auto do possesso* (1950), em que se conjuga uma importante quantidade de metáforas barrocas em poemas que claramente remetem ao passado da literatura ocidental (RIVERA, 2015).

Retomando o anteriormente dito, a leitura que Haroldo de Campos faz do passado, da memória, não se ancora na melancolia e se constitui, então, como historicamente ativa (MARTHA, 2017, p. 158). O movimento de rememoração e os métodos de arquitetura dos poemas e traduções haroldianas se caracterizam pelo espírito ativo, pela invenção. Em virtude da

⁴ Conceito utilizado por Haroldo de Campos a partir de seu precursor, Ezra Pound, na obra *ABC of Reading* (1934).

preocupação de recuperar parte do passado que considera essencial, estimula a revisão da historiografia literária brasileira, o que em si é um gesto da memória. A ação se situa no presente – neste ponto é que a leitura da obra benjaminiana adquire uma grande significância. O pensamento benjaminiano está amalgamado às ideias criativas de Haroldo de Campos junto com outras influências, como a antropofagia oswaldiana e *o make it new* poundiano. E a criação de uma obra poética por meio das colocações de Benjamin interessou a Campos. Podemos comprovar e apreciar este fato nas anotações de leitura feita em *Illuminations*, no prefácio de Hanna Arendt à obra de Walter Benjamin.

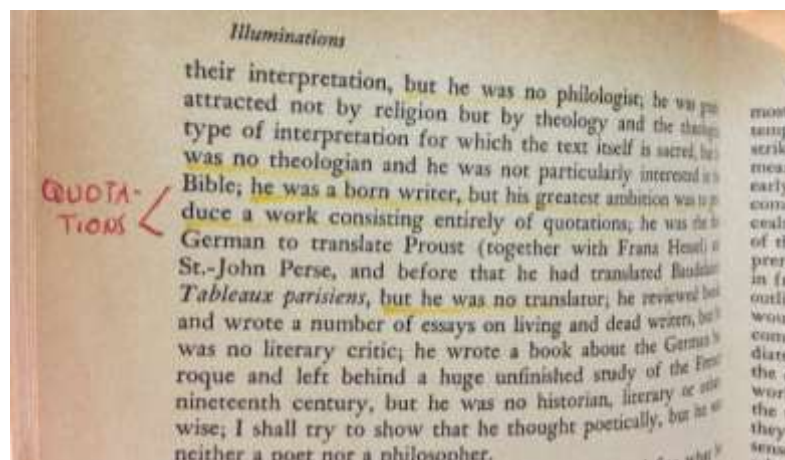


Figura 1 Marcações de Haroldo de Campos
Fonte: Acervo Haroldo de Campos – Casa das Rosas

É interessante destacar que a leitura da memória feita por Haroldo de Campos sempre está impregnada pela política, mas engendradora/transposta à poesia, à tradução. A atualização do passado sempre será crítica; esta ideia de criação corresponde grandemente aos conceitos de Walter Benjamin. Isto pode ser ilustrado a partir de um fragmento do poema “Ode (explícita) em defesa da poesia no dia de São Lukács” de *A educação dos cinco sentidos*.⁵

walter benjamin
que esperava o messias
saindo por um minúsculo
arco da história no
próximo minuto
certamente te conheceu
anunciada por seu angelus novus
milimetricamente inscrita num grão de trigo
no museu de cluny

(CAMPOS, 2013 [1985], p. 27).

⁵ O poema é analisado no capítulo primeiro desta tese.

Na citação, em uns poucos versos, Haroldo de Campos resume a teoria benjaminiana sobre o conceito de História, que ele prolonga no seu projeto poético: o “minúsculo arco da história” representaria o limiar dialógico entre passado/presente, o *Jetztzeit*. Esse instante de rememoração benjaminiano coincide com a recuperação haroldiana de textos/autores na história da literatura. Os fragmentos do passado, a colocação que pertence à memória do cânone ganha um novo sentido, é revivida por meio da leitura da tradição e da literatura sincrônica.

Conseqüentemente, no PRIMEIRO CAPÍTULO, desenvolvemos algumas teorias e aproximações relacionadas à memória. Para a concretização do capítulo utilizamos a palavra-chave *memória*, que é o conceito-guia para estruturar a investigação – um prolongamento e aprofundamento da dissertação defendida em 2015, citada anteriormente, voltada para a realização de um estudo crítico dos poetas Jorge Luis Borges e Haroldo de Campos em relação ao seu processo de criação poética – e que se desenvolve a partir da criação de precursores, estabelecida por meio do que, naquele trabalho, denominou-se “uma poética da leitura” (RODRÍGUEZ MONEGAL, 1980). A preocupação em investigar, neste doutoramento, a obra de Haroldo de Campos pelo viés da memória advém da constatação de que os conceitos estudados no trabalho de pesquisa anterior (tais como “poesia sincrônica”, “*paideuma*”, “tradição” e “precursores”) estruturam-se a partir de uma poética da leitura engendrada pela memória, ou ainda pela rememoração, tomada aqui em sentido benjaminiano. Os autores-chave para esta discussão teórica foram Henri Bergson em *Matéria e Memória* (1999 [1896]), Beatriz Sarlo em *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva* (2005) e Walter Benjamin, principalmente a partir das suas teses em *Sobre o conceito de História* (1940).

No SEGUNDO CAPÍTULO utilizamos o aporte teórico do primeiro para analisar alguns dos poemas de *A educação dos cinco sentidos* que remetem à rememoração de escritores/precursores de Haroldo de Campos. Demos ênfase ao principal poema da obra, “A educação dos cinco sentidos”, e o poema-manifesto “Ode (explícita) em defesa da poesia no dia de São Lukács”, além de outros que aludem a Johann Wolfgang von Goethe, poetas provençais etc. Nesse capítulo fechamos a questão da memória e estabelecemos um enlace com a tradução via a obra de Jeanne Marie Gagnebin, *Limiar, aura e rememoração* (2014).

No TERCEIRO CAPÍTULO desenvolvemos, em primeiro lugar, a teoria de tradução haroldiana a partir da sua influência por Walter Benjamin e, a continuação, executamos um percurso ao longo dos diferentes ensaios sobre tradução de Haroldo de Campos em ordem temporal, especialmente a partir do livro *Transcrições*, organizado por Marcelo Tápia (2015). Na última seção do capítulo são definidos os diferentes termos que o poeta paulista adotou para

falar das suas traduções: transcrição, plagiotropia, transluminura, transluciferação e transparadização. Finalmente nos encaminhamos, de forma sucinta, para a última seção do capítulo, na explicitação da relação entre Campos e Paz a partir da transcrição haroldiana *Transblanco*. Dita afinidade será desenvolvida ao longo do capítulo seguinte.

No QUARTO CAPÍTULO apresentamos o escritor Octavio Paz a partir do ensaio haroldiano “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico” (1997), pois Campos o utiliza como figura representativa da poética sincrônica, modo de estruturação que o poeta paulista escolhe para estruturar o seu projeto poético. Posteriormente, retomamos conceitos da memória e da teoria da transcrição, desenvolvidos nos capítulos anteriores, para poder executar uma comparação entre o procedimento de tradução de Haroldo e o de Paz. Em último lugar, com o suporte da correspondência entre ambos os escritores, e depois de todas as considerações feitas no decorrer do capítulo, executamos a comparação entre *Blanco* e *Transblanco* pelo viés da transcrição haroldiana e da importância da linguagem como sexto sentido no poeta paulista. Adicionalmente, em menor medida, utilizamos como apoio a teoria sobre a memória desenvolvida e, finalmente, destacamos alguns pontos de contato com o poema-manifesto pós-utópico de Haroldo, “A educação dos cinco sentidos”, e que são colocados em alguns trechos da análise. Essa conexão foi utilizada como enlace para o próximo capítulo, em que descrevemos a teoria pós-utópica haroldiana em relação à pós-vanguarda de Octavio Paz, presente em *Los hijos del limo* (1974).

Finalmente, no QUINTO CAPÍTULO abordamos a pós-utopia haroldiana e a pós-vanguarda de Octavio de Paz, fases criativas na literatura destes poetas que aproximam o Brasil com o resto da América Latina. Para trabalhar a pós-utopia utilizamos, como material crítico, sobretudo a obra *Que pós-utopia é esta?*, organizada por Julio Mendonça e editada na Casa das Rosas (2018); adicionalmente, utilizamos artigos de Marcos Siscar sobre pós-utopia. Para a pós-vanguarda, o livro *Los hijos del limo* (1974), de Octavio Paz, que foi publicado alguns anos após da criação de *Blanco*. Neste capítulo final também analisamos alguns poemas que consideramos pós-utópicos pertencentes à obra *A educação dos cinco sentidos*, livro que foi trabalhado ao longo desta tese por formar parte da etapa pós-utópica do poeta paulista. Por último, relacionamos a memória, a transcrição e a pós-utopia, pilares que articulam este trabalho através de Haroldo de Campos e Octavio Paz.

CONCLUSÃO

Segundo o Dicionário Caldas Aulete, há diversas acepções para o lexema *memória*. Dentre elas, há algumas que são interessantes para se destacar nesta pesquisa, pois permitem um diálogo com os críticos aqui mobilizados. São elas:

4. Monumento erguido para comemorar os feitos de alguma pessoa ilustre ou algum acontecimento notável; MEMORIAL;

5. Papel ou bloco de papel onde se anota o que não deve ser esquecido; LEMBRETE; MEMENTO;

Em memória de: 1 Em homenagem a pessoa(s) falecida(s). e, finalmente, Memória nacional 1 Conjunto de documentos, registros, obras etc. que constitui o acervo histórico e cultural de uma nação (CALDAS AULETE, p. 914, 2011).

Em primeiro lugar, tal como argumentamos no desenvolvimento da presente tese, para Haroldo de Campos a memória não pode ser simplesmente um monumento, pois ela existe para ser modificada em função do presente. A memória haroldiana aproxima-se mais, então, à quinta definição: é aquilo que não pode ser esquecido – o *paideuma* que ele constrói na sua carreira como escritor e, de forma paralela, trata-se de uma homenagem aos precursores. A memória nacional, por sua parte, no nosso ponto de vista, tem a ver com os documentos ou registros que ficaram na memória de um país através da visão dos vencedores. É essa memória que Walter Benjamin questiona e que propõe trabalhar provocando uma ruptura para a criação de novos olhares, prestando atenção à multiplicidade de passados que se encontram latentes ou ocultos, pois a redenção é fundamental no seu trabalho.

Para desenvolver esta tese utilizamos como ponto de partida a *mnemosyne*: Haroldo de Campos erguerá o seu projeto poético a partir do trabalho com a linguagem, o sexto sentido que constrói a poesia. Na procura desse sexto sentido, o poeta paulista precisa do poder da memória, que é a conjunção de Zeus com a musa da reminiscência mencionada por Benjamin, Clio. Trata-se de *mnemosyne*, a capacidade que o homem tem de trazer à tona acontecimentos do passado para construir uma experiência no presente.¹⁸⁸ Além disso, “recordar” deriva do latim *recordare* (*re-cordis*), “fazer voltar à memória”, e nesse processo o

¹⁸⁸ Na pesquisa, encontramos outra divindade que alude à memória, e acreditamos que seja interessante mencioná-la aqui: “Juno é a deusa romana assimilada a Hera. Na origem, e na tradição romana, ela personifica o ciclo lunar e figura na Tríade inicialmente honrada no Quirinal, depois no Capitólio, e que englobava Júpiter, Juno e Minerva. Mas, para além disso, a deusa tinha outros santuários; particularmente com o epíteto de Moneta, isto é, a “deusa que adverte”, ou “aquela que faz lembrar”, recebia culto na cidadela, a Arx (o cume nordeste do Capitólio). É a Juno Moneta que se atribui à salvação de Roma quando da invasão gaulesa, em 390 a.C.” (DICIONÁRIO PIERRE GRIMAL, 2005 [1951], p. 260).

coração tem um papel fundamental, pois: “re” (de novo); “cordis” (coração) – literalmente, as memórias passam novamente pelo coração.

Paralelamente, a expressão “saber de cor”, também guarda uma semelhança, pois significa “saber de coração”, quer dizer, saber de memória. Na Grécia Antiga, o ato de trazer lembranças está relacionado, portanto, com um sentimento. Na construção desta tese, constatamos que Henri Bergson não apontava o coração como parte do processo de recordação: em *Matéria e Memória* (1999 [1896]) dá-se uma importância fundamental aos órgãos dos sentidos e, fundamentalmente, ao cérebro. Aliás, a *ação* benjaminiana, como conferimos, também dialoga com a teoria de Bergson, pois o cérebro, nas palavras do filósofo francês, se fundamenta a partir da ação, que consiste na recuperação de certas memórias ou padrões do tempo passado para utilizar no presente – é o que Walter Benjamin nomearia “redenção”; isso acontece mediante um momento de lucidez no presente, o *Jetztzeit*.

Para Hannah Arendt, na poesia, a recordação (que estaria simbolizada por *mnemosyne*, a mãe de todas as musas) torna-se memória, e o poeta consegue essa transformação por meio do ritmo. Dessa forma, a poesia permanece para além do tempo, na memória da humanidade. Essa poesia é linguagem trabalhada, é uma condensação que requer uma agudização dos sentidos: Haroldo de Campos demonstra isso através do seu poema “A educação dos cinco sentidos”. Nele encontramos, também, alguns dos precursores que foram fundamentais para o trabalho poético deste escritor, tais como Marx, Dante Alighieri, Sousândrade, além de outras caras influências na história mundial da literatura e da filosofia, erguendo assim a sua poesia pós-utópica.

Desta forma, é necessário estabelecer um recorte na história da literatura para poder recuperar o essencial: por um lado *Mnemosyne*, e por outro, *Lete* – embora, não exista um esquecimento total, pois Haroldo propõe uma priorização de certos autores em detrimento de outros. Vemos, portanto, um jogo de contrários que se complementa. Lembrança e esquecimento são partes da memória e nos permitem pensar na lógica mandálica que estudamos no capítulo quarto, através de *Blanco*. Trata-se do paradoxo sim-não, o homem e a mulher, a palavra e o silêncio, o eros e o thanatos, as forças da criação e da destruição.

Esse jogo de opostos que posicionamos no título da presente pesquisa forma parte da fase pós-utópica haroldiana, na qual as transcrições são uma peça fundamental. A etapa anterior à pós-utopia inicia-se a partir da articulação como diferença; trata-se do nascer da literatura brasileira (e também da literatura latino-americana): “[...] uma sorte de partogênese sem ovo ontológico (vale dizer: a diferença como origem ou o ovo de Colombo)” (CAMPOS, 1992 [1980], p. 240). Em 1981, Haroldo de Campos afirma que a “antropofagia” de Oswald

de Andrade e sua cosmovisão filosófico-existencial, expressas na tese crítica da filosofia messiânica que une os anos 1920 e os 1950, devem ser reconhecidas como o momento central, no qual se reflete sobre “o nacional como relação dialógica e dialética com o universal” (GUIMARÃES, 2013, s/p).

O zênite do movimento antropofágico é alcançado por meio da poesia concreta: ela representa “o momento de sincronia absoluto da literatura brasileira” (CAMPOS, 1992 [1980], p. 246). A poesia concreta se ergue como o último movimento poético da vanguarda (exposta por primeira vez em 1956 em São Paulo no Museu de Arte Moderna) e, num gesto grupal e anônimo, empenhou-se em levar até as últimas consequências o projeto mallarmeano. Rompeu com a estrutura discursiva convertendo-se numa “tensão de palavras-coisas no espaço-tempo” (CAMPOS; PIGNATARI; CAMPOS, 1975 [1960], p. 156). Sua estrutura era também seu conteúdo e, ainda, a sua metáfora do mundo “produzido”, autônomo e autorreflexivo do poema. Os escritores latino-americanos operam fora do centro, no *excentro*, diria Haroldo de Campos, conformando-se por meio da deglutição europeia, “arruinando” o legado cultural.

Nesta linha de argumentação, o poeta paulista afirma que, a partir da periferia onde se encontravam, vários poetas latino-americanos – dentre eles Octavio Paz, Julio Cortázar, Leopoldo Lugones e Ramón López Velarde – dialogaram por meio do espaço-tempo para a edificação de um poema universal (CAMPOS, 1992 [1980], p. 245). Ao mesmo tempo que o poeta paulista publicava estas questões sobre antropofagia, ele se encontrava elaborando a tradução de *Blanco*, levantando, também, as características da sua nova fase – a poesia pós-utópica, que começava a se desenvolver nesses anos.

No ensaio haroldiano “O poema pós-utópico”, fundamental para essa segunda etapa de produção, Haroldo, depois de vasta experiência como escritor e tradutor, recompilaria as características da sua poesia pós-utópica e nomearia esses autores latino-americanos como os bárbaros alexandrinos, devoradores da cultura-outra. Eles são “grandes transculturadores”, tradutores diferenciais da tradição (CAMPOS, 1997c, p. 261). A partir daqui podemos pensar no livro único ao qual aspirava, antes de Borges, Mallarmé, e ao qual rendia tributos Paul Valéry, leitor de Mallarmé e grande influência para Borges (SUCRE, 2001, p. 27).¹⁸⁹ Em termos de Haroldo de Campos e Umberto Eco (*A obra de arte aberta*, de 1955, e *Obra Aberta*, de 1962, respectivamente), Octavio Paz também falará da “abertura” da poesia na

¹⁸⁹ O livro idealizado por Stéphane Mallarmé tem como objetivo ser único e absoluto, capaz de abranger a totalidade – ideia que foi herdada do romantismo alemão. Maurice Blanchot reconhece os “contatos mundanos” do poeta francês com as doutrinas ocultistas. Por conseguinte, esse livro tem, por trás dele, uma representação da Bíblia, no qual o *verbo* ou a *poesia* conceberiam, a um só tempo, o sagrado e a redenção.

“Advertencia” aos seus *Poemas (1935-1975)*, pois “los poemas son objetos verbales inacabados e inacabables. No existe lo que se llama ‘versión definitiva’: cada poema es el borrador de otro, que nunca escribiremos” (PONT, 1991, p. 461).¹⁹⁰ A criação, para Paz, por meio da palavra, é incessante. Na sua obra *Blanco (1967)* assistimos à criação do mundo, do homem e da natureza por meio da palavra.

Nesta soma dos tempos, segundo Paz, inicia-se a destruição da modernidade: é uma “arte da *conjugação*” (PAZ, 1996 [1967], p. 137). Essa arte é executada com excelência por Haroldo de Campos, que se torna um catalisador das diferentes literaturas no seu caminhar poético. No caso da sua relação com o poeta latino-americano, Gênese Andrade expõe, na palestra “O lugar da Ruptura dos gêneros nos diálogos de Haroldo de Campos com os hispano-americanos”,¹⁹¹ que em 1967 o poeta brasileiro, depois de ler escritores hispano-americanos, toma a iniciativa de estabelecer uma comunicação com eles. Assim, a partir daquele ano, conhece e mantém um contato com Julio Cortázar, Octavio Paz, Severo Sarduy, Guillermo Cabrera, Ángel Rama e Emir Rodríguez Monegal:

Hacia el año 1968, Haroldo de Campos (1929-2003) cumplía casi dos décadas de “militancia cultural” en las letras brasileñas, tarea que había emprendido en 1952 con la fundación del grupo Noigandres y la revista homónima, junto con Décio Pignatari y su hermano Augusto de Campos. Los cimientos de la poesía brasileña habían sido cuestionados desde un plan estético muy combativo, pleno de manifiestos, y con ideas entre las cuales la traducción era un pilar de este nuevo tipo de poesía. O sea, cuando entra en contacto con Paz en 1968, Haroldo tenía 39 años, y ya era reconocido desde su posición de crítico, poeta y traductor (LÁZARO IGOA, 2011b, p. 35).¹⁹²

Ainda de acordo com Gênese Andrade, Campos escreveu um livro/texto não publicado que, acreditamos, somaria discussões interessantes neste estudo, intitulado “Meu itinerário latino-americano” (mimeo). No entanto, neste caso, apenas podemos mencioná-lo. Além disso, é importante mencionar a sua participação, por meio do ensaio “Superación de los lenguajes exclusivos”, no livro de César Fernández Moreno, *A América Latina na sua literatura (1972)*, traduzido para o português e para o espanhol. Podemos afirmar que Octavio

¹⁹⁰ Tradução livre: “Os poemas são objetos verbais inacabados e inacabáveis. Não existe o que se chama ‘versão definitiva’: cada poema é um rascunho de outro, que nunca escreveremos” (PONT, 1991, p. 461).

¹⁹¹ Informação recuperada do Simpósio “Transpor Fronteiras na literatura latino-americana”, ocorrido na Casa das Rosas em São Paulo no ano de 2017.

¹⁹² Tradução livre: “Até 1968, Haroldo de Campos (1929-2003) completava quase duas décadas de ‘militância cultural’ nas letras brasileiras, tarefa que empreendeu em 1952 com a fundação do grupo *Noigandres* e a revista homônima, junto com Décio Pignatari e seu irmão Augusto de Campos. Os cimentos da poesia brasileira haviam sido questionados por um plano estético muito combativo, repleto de manifiestos, e com ideias dentre as quais a tradução era um pilar desse novo tipo de poesia. Ou seja, quando entra em contato com Paz em 1968, Haroldo tinha 39 anos, e já era conhecido pela sua posição de crítico, poeta e tradutor” (LÁZARO IGOA, 2011b, p. 35).

Paz foi um dos escritores latino-americanos com o qual Haroldo manteve uma comunicação mais aproximada, daí a tradução de *Blanco*.

No nosso ponto de vista, a *transcrição* que propõe Haroldo de Campos na sua poesia pós-utópica mantém um importante diálogo com o passado, ela é composta de dois tempos, tal como argumentamos no desenvolvimento desta pesquisa, dados a partir da conjunção dialógica do presente com o passado. A memória que Haroldo de Campos apela para a construção do seu projeto poético tem uma semelhança com a memória apresentada por Henri Bergson, pois a memória pura, para este último, permanece inalterável com o passar do tempo; ela só se torna vital (atual) a partir do uso dos sentidos, ou seja, com uma finalidade. De tal modo, as memórias que a humanidade possui, na realidade, são uma virtualidade atemporal para serem utilizadas no tempo presente. Desta forma, o pensamento do filósofo francês exposto em *Matéria e Memória*, também guarda uma relação com a pós-utopia haroldiana, pois a atividade central desta etapa era a tradução.

Analogamente, da mesma forma que Walter Benjamin anuncia uma “história aberta” nas suas *teses*, essa memória pura que anuncia Bergson permanece inalterável através do tempo e do espaço, mas é suscetível de tornar-se uma memória utilizável no agora. Não obstante, a rememoração do escritor alemão guarda uma dessemelhança com a memória bergsoniana, porque a última trata-se de uma síntese de diversos acontecimentos que estabelecem um *continuum*, o total, a história do sujeito. Bergson acredita que há uma conservação total (pura) do passado. Por seu lado, Benjamin concebe a história como ela relampeja, de modo que o seu ideal era construir uma visão de passado composta de revoluções, a partir de outros pontos de vista – fundamentalmente, do ângulo daqueles que caíram, os vencidos. A pós-utopia, em plena relação, consiste em retomar a abertura da história que propõe Benjamin e elaborar as ruínas, aquilo que ficou.

No seu poetar, Haroldo de Campos escolhe a criação de uma literatura sincrônica, portanto aberta e dialógica, suscetível a momentos epifânicos e revoluções. E para que a renovação da esperança permaneça na história da literatura, é necessário que exista a tradução, porque ela permite a desbabelização do mundo. Essa literatura sincrônica que Campos propõe possibilita uma liberdade na constituição da memória: através do seu *paideuma*, Haroldo indica quais serão os autores mais significativos que constroem um diálogo profícuo com a literatura brasileira e, por esse motivo, ele os redescobre por meio da sua poesia ou os homenageia através da tradução, como é o caso de *Transblanco*.

Assim como Haroldo de Campos, Octavio Paz também reilumina os poetas que considera essenciais na história da literatura: a teoria da tradução do escritor mexicano guarda

algumas similitudes com os conceitos que Campos desenvolve ao longo da sua vida, tal como comprovamos no capítulo quarto da presente tese. Octavio Paz é um dos poetas que também trabalha com a literatura sincrônica – ele traduz poesias em diversos idiomas, dentre eles o francês, o inglês e o português, como o fim de autodescobrir-se ou adicionar a voz do outro num mecanismo análogo à antropofagia descrita por Haroldo. Aliás, o poeta mexicano estabelece um diálogo intertextual com outros autores ao colocar versos de línguas diferentes em suas obras. Destarte, a poesia, para Paz, é a procura e a descoberta da outridade, e isso lhe possibilita descobrir-se como autor.

As obras analisadas neste trabalho – *Transblanco* (1986) e *A educação dos cinco sentidos* (1985) – formam parte da etapa pós-utópica haroldiana, em que ficou evidente o trabalho com a memória: na primeira obra, através da operação memorialística, que garante essa “memória recortada da tradição” por meio da tradução; na segunda, através da colocação de poetas do *paideuma* haroldiano e que dialogam com a palavra de Haroldo – ele faz homenagens (“Hieróglifo para Mario Schenberg”), mostra processos de tradução através de uma composição (em poemas como “a operação tradutora 1. transblanco” e “a operação tradutora 2. o que é de César”), realiza a operação sincrônica pós-utópica (poemas como “Como ela é”, “Mencius: Teorema do branco”, “Le don du poème”, “Birdsong: Alba”, “1984: Ano 1, era de Orwell”, dentre outros), dialoga com outros autores através de poemas-manifestos (“A educação dos cinco sentidos” e “Ode (explícita) em defesa da poesia no dia de São Lukács”) ou recupera autores fundamentais no seu projeto poético, os poemas-memória (“Opúsculo goetheano”, “Opúsculo goetheano 2”, “Tenzone”, “Provença: Motz E. L. Son”, dentre outros).

Finalmente, a pós-utopia e a pós-vanguarda fazem alusão a uma mesma época de crise social na história geral da América Latina. Haroldo de Campos e Octavio Paz apresentam uma nova escrita/poesia compatível com os novos fenômenos socioculturais; nessa escrita, a *palavra* é chave fundamental, e também é significativa a ruptura com a discursividade linear. O tempo presente será o tempo fundador desta nova poesia, é um *agora* dialógico, se comunica com o passado e, segundo Paz, também se comunica com o futuro, mas não como um tempo pensado na concretização de projetos e promissório, senão como um tempo incerto, pois se há uma *história aberta* benjaminiana e uma literatura aberta haroldiana-paziana, que permitem uma pluralidade de passados, também haverá um futuro plural, indefinido.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. *In*: BENJAMIN, Walter; Horkeimer, Max; Adorno, Theodor; Habermas, Jurgen (org.). **Textos escolhidos**. Tradução de José Lino Grunewald *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 194-208.
- ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**. Tradução de Joaquín Mielke. Madri: Taurus, 2001 [1951].
- ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 1970.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Boitempo editorial: São Paulo, 2004.
- AGUILAR, Gonzalo. Orígenes de Haroldo de Campos. **CIBERLETRAS – Revista de crítica literaria y de cultura**, Universidad de Buenos Aires, v. 1, n. 2, jan. 2000. Disponível em: <https://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/documents/ISSUE2.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- AGUILAR, Gonzalo Moisés. **Poesia concreta brasileira. As vanguardas na encruzilhada modernista**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- AMARAL, Beatriz Helena Ramos. Haroldo de Campos e a tradução como prática isomórfica: as transcrições. **Eutomia**, Recife, v. 11, n. 1, p. 261-268, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/252/214>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- ANDRADE, Gênese. Afinidades eletivas. Haroldo de Campos traduz os hispano-americanos. **Caracol**, São Paulo, n. 1, 2010, p. 36-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/download/57637/60693/73429>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2008 [1968].
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Notícia Atual da Literatura Brasileira: o instinto de nacionalidade. *In*: LEITE, Aluizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa; LACERDA, Rodrigo (org.). **Machado de Assis – Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994 [1873]. (Coleção Machado de Assis). Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>. Acesso em: 23 de junho de 2017.
- BARBOSA, André Antônio; PRYSTHON, Angela. Uma política do passado: a história em Benjamin, a memória em Bergson. **Fronteiras – estúdios midiáticos**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, 2013, p. 3-12. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2013.151.01/1379>. Acesso em: 13 abr. 2020.

BARBOSA, João Alexandre. As ilusões da modernidade. *In*: BARBOSA, João Alexandre. **As ilusões da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 13-37.

BARBOSA, Luis Guilherme. Haroldo de Campos/Tomie Ohtake: tempo e tradução. **Revista Garrafa**, Universidade Federal de Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, 2011, p. 1-12. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/9493/7426>. Acesso em: 29 fev. 2020.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 1. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 [1929]. p. 36-49.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Fernando Camacho. *In*: BRANCO, Castello Lucia. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale: UFMG, 2008. p. 25-49. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Tarefa%20do%20Tradutor,%20A%20-%20de%20Walter%20Benjamim.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Brecht**: ensayos y conversaciones. Arca: Montevideú, 1978 [1966].

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. *In*: **O Anjo da história**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 115-167.

BENJAMIN, Walter. **Ensaios sobre Brecht**. São Paulo: Boitempo, 2017 [1966].

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 1. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 [1933]. p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 1. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-19.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 1. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985 [1936]. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editorial da UFMG, 2006(1982).

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História**. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020 [1940].

BERGSON, Henri. A vida psicológica e a conservação do passado (fragmento). *In*: PINTO, Débora Morato. **Consciência e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 67-69.

BERGSON, Henri. **Consciência e memória** (fragmento). In: PINTO, Débora Morato. **Consciência e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 70-71.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1896].

BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza. Transcriar, transubstanciar: a homenagem dos “cinco sentidos” de Haroldo de Campos a Giuseppe Ungaretti. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio Grande do Sul, n. 9, 2006. p. 269-282. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/download/142/145>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**. Rio de Janeiro: Imago, 2002 [1973].

BORGES, Jorge Luis. Funes el memorioso. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas 1**. Buenos Aires: Sudamericana, 2011 [1944].

BORGES, Jorge Luis. Historia de la eternidad. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas 1**. Buenos Aires: Sudamericana, 2011 [1936], p. 633-715.

BORGES, Jorge Luis. Italia. In: **Textos recobrados 3 (1956-1986)**. Buenos Aires: Emecé, 2003 [1961].

BORGES, Jorge Luis. O Aleph. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas Volume I**. Vários tradutores. Revisão de traduções de Jorge Schwartz e Maria Carolina de Araujo. São Paulo: Editora Globo, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BRANCO, Lucia Castello. Discretas infidelidades – Sobre as relações entre memória e tradução. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte, n. 16, UFMG, 1986. p. 81-94. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/download/10088/9001> Acesso em: 03 fev. 2020.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

AUGUSTO DE CAMPOS

CAMPOS, Augusto de. O testamento de Ezra Pound: uma antiópera. **um prefácio a john cage**. (publicado originalmente na Folha de S. Paulo, Folhetim, n. 340, 24 jul. 1983). *In*: CAMPOS, Augusto. **Música de Invenção**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 27-32. Disponível em: <http://cagechancechange.blogspot.com/2011/01/35-o-testamento-de-ezra-pound-uma.html>. Acesso em: 19 set. 2018.

CAMPOS, Augusto de. **Traduzir & trovar (poetas dos séculos XII a XVII)**. São Paulo: Papyrus, 1968.

AUGUSTO DE CAMPOS, DÉCIO PIGNATARI & HAROLDO DE CAMPOS

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. Contexto de uma vanguarda. *In*: CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. **Teoria da Poesia Concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. p. 151-155.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. Plano Piloto para Poesia Concreta. *In*: CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. **Teoria da Poesia Concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975 [1960]. p. 156-158.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da Poesia Concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Brasiliense, 1987.

AUGUSTO DE CAMPOS, HAROLDO DE CAMPOS & DÉCIO PIGNATARI

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Mallarmé**. Perspectiva: 2013.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de, PIGNATARI, Décio *et al.* **poesia concreta**: um manifesto (publicado originalmente na revista ad – arquitetura e decoração, São Paulo, n. 20, nov./dez. de 1956). Disponível em: <http://www.augustodecampos.com.br/poesiaconc.htm>. Acesso em: 25 abr. 2021.

AUGUSTO DE CAMPOS & HAROLDO DE CAMPOS

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982 [1960].

HAROLDO DE CAMPOS

CAMPOS, Haroldo de. **A educação dos cinco sentidos**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. A palavra vermelha de Hoelderlin. *In*: CAMPOS, Haroldo. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 93-108.

CAMPOS, Haroldo de. Poética Sincrônica. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969 [1967]. p. 205-212.

CAMPOS, Haroldo de. Barrocololúdio: transa chim? *In*: CAMPOS, Haroldo de. **O Segundo Arco-Íris Branco**. São Paulo: Iluminuras, 2010 [1988a]. 215-226.

CAMPOS, Haroldo de. **Bere'shith – A cena da origem**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CAMPOS, Haroldo de. **Crisantempo**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1980], p. 231-255.

CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como Criação e como Crítica. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006 [1963]. p. 31-48. (Série Debates, dirigida por J. Guinsburg). Disponível em: <http://letra.fflch.usp.br/sites/letra.fflch.usp.br/files/inline-files/Metalinguagem%20e%20outras%20metas%20by%20Haroldo%20de%20Campos.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

CAMPOS, Haroldo de. **Depoimentos de oficina**. São Paulo: Unimarco, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMPOS, Haroldo de. Entrevista a Haroldo de Campos (Adriana Contreras e Hugo Bonaldi, 1984). *In*: DE BEHAR, Lisa Block. **Haroldo de Campos, don de poesia: ensayos críticos sobre su obra**. Montevidéo: Librería Linardi y Risso, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. **Galaxias**. Montevidéo: La flauta mágica, 2010 [1981]. p. 203-220.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem – Ensaios de Teoria e Crítica Literária**. São Paulo: Vozes, 1967.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPOS, Haroldo de. Minha relação com a poesia chinesa. **RC – Revista de Cultura**, Edição do Instituto Cultural de Macau, , n. 25, II série, edição em português, [s.l.], [s/d]. Disponível em: <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30025/>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CAMPOS, Haroldo de. Minha relação com a tradição é musical. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1967], p. 257-267.

CAMPOS, Haroldo. **O Arco-Íris Branco**. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

CAMPOS, Haroldo de. O Arco-Íris Branco de Goethe. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **O Arco-Íris Branco**. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

CAMPOS, Haroldo de. Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **O Arco-Íris Branco**. Rio de Janeiro: Imago, 1997c, p. 243-269.

CAMPOS, Haroldo de. **Pedra e Luz na Poesia de Dante**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CAMPOS, Haroldo de. Portugués y español: dialogismo necesario. Tradução de Juan Malpartida. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madri, n. 570, 1997d, p. 7-14. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/research/cuadernos-hispanoamericanos--39/036f2caa-82b2-11df-acc7-002185ce6064.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CAMPOS, Haroldo de. Post-scriptum. transluciferação mefistofáustica. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 179-209.

CAMPOS, Haroldo de. Texto e história. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **A operação do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 13-22.

CAMPOS, Haroldo de. Transluciferação mefistofáutica. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 179-209.

CAMPOS, Haroldo de. Três versões do impossível: Wang Wei. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **O Arco-Íris Branco**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 171-182.

CAMPOS, Haroldo de. Tributo a César Vallejo. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **O Segundo Arco-Íris Branco**. São Paulo: Iluminuras, 2010 [1988b].

CAMPOS, Haroldo de. Um olhar sobre a América hispânica. Entrevista com o crítico e poeta Haroldo de Campos. Entrevista a Rodolfo Mata. **Jornal de Poesia** [on-line], Fortaleza, ago. 1994. Disponível em: <https://goo.gl/DBb9EQ>. Acesso em: 11 abr. 2020.

HAROLDO DE CAMPOS & OCTAVIO PAZ

CAMPOS, Haroldo; PAZ, Octavio. **Transblanco**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986 [1967].

CAMPOS, Haroldo; PAZ, Octavio. **Transblanco**. São Paulo: Siciliano, 1986.

CAMPOS, Haroldo; PAZ, Octavio. **Transblanco**. São Paulo: Siciliano, 1994 [1967].

HAROLDO DE CAMPOS: TRANSCRIÇÃO

[obra editada por Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega]

CAMPOS, Haroldo de. À Esquina da Esquina. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015a. p. 105-107.

CAMPOS, Haroldo de. A Tradução como Instituição Cultural. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. Perspectiva: São Paulo, 2015b. p. 207-213.

CAMPOS, Haroldo de. Das Estruturas Dissipatórias à Constelação: a transcrição do “Lance de Dados” de Mallarmé. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015c. p. 131-140.

CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como Criação e como Crítica. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015d [1963]. p. 1-18.

CAMPOS, Haroldo de. Da Transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015e [1985]. p. 77-104.

CAMPOS, Haroldo de. O Eco Antropofágico. Reflexões sobre a transcrição e a metáfora sanguíneo-canibalesca. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015f. p. 215-232.

CAMPOS, Haroldo de. Para além do Princípio da Saudade. A teoria benjaminiana da tradução. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015g. p. 47-59.

CAMPOS, Haroldo de. Paul Valéry e a poética da tradução. as formulações radicais do célebre poeta francês a respeito do ato de traduzir. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015h. p. 61-75.

CAMPOS, Haroldo de. Tradição, Transcrição, Transculturação: o ponto de vista do excêntrico. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015i. p. 197-205.

CAMPOS, Haroldo de. Tradução, ideologia e história. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015j. p. 37-45.

CAMPOS, Haroldo de. Tradução e reconfiguração: o tradutor como transfigidor. *In*: TAPIA, Marcelo e NÓBREGA, MEDICI THELMA. **Haroldo de Campos**: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2015k. p. 109-130.

CISNEROS, Odile. Traducción y poéticas radicales: el caso de Octavio Paz y el grupo Noigandrés. In: JOVANOVIĆ, Ana Kuzmanović *et al.* **Estudios Hispánicos en el Siglo XXI**. Belgrado: Universidad de Belgrado, 2014. p. 213-227.

CLAUDIO, Daniel. A questão da ruptura dos gêneros na literatura latino-americana. **Eutomia**, Recife, v. 11, n. 1, 2013, p. 251-260. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/251>. Acesso em: 26 abr. 2021.

COSTA, Ana Carolina Lopes. **A plagiotropia como procedimento de estudo relacional da criação, crítica e método de tradução de Haroldo de Campos**. 2016. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136384/costa_acl_dr_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 21 dez. 2018.

COSTA, Walter Carlos. Tradução e co-autoria: o caso Transblanco. *Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina: Fragmentos*, Santa Catarina, v. 3, n. 1, 1990, p. 133-138. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/5286>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CRIPA, Ivan de Assis. Os conceitos de analogia e ironia e a crítica de Octavio Paz. **Anais do Seta**, número 1, 2007. Disponível em: <https://issuu.com/hneditorapublieditorial/docs/9788560521593>. Acesso por última vez em 15 de fevereiro de 2019.

CURTIUS, Ernst-Robert. **Marcel Proust y Paul Valéry**. Tradução de Pedro Lecuona. Buenos Aires: Losada, 1941.

DA SILVA, Maria Luiza Berwanger. Transcriar, transsubstanciar: a homenagem dos “cinco sentidos” de Haroldo de Campos a Giuseppe Ungaretti. **Abralic**, Niterói, v. 8, n. 9, 2006, p. 269-282.

DASILVA, Xosé Manuel. Octavio Paz transcreado por Haroldo de Campos: de *Blanco* a *Transblanco*. **Trans**, Galícia, n. 10, 2006, p. 23-40. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/trans/article/view/1067>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DE BEHAR, Lisa Block (org.). **Haroldo de Campos, don de poesia**: ensayos críticos sobre su obra. Montevideu: Fondo editorial UCSS, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editorial UFMG, 2006 [1985].

DERRIDA, Jacques. **Différance, Margins of Philosophy**. Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1982.

DICK, André Henrique. **Un coup de dés**: o testamento do espaço mallarmeano. 2002. 281 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8639/000584653.pdf> Acesso em: 21 out. 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998 [1992].

DUMITRESCU, Domnita. Traducción y heteroglosia en la obra de Octavio Paz. **Hispania**, Los Angeles, v. 78, n. 2, 1995, p. 240-251. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/156719.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DURÁN, Manuel. La segunda época en la poesía de Octavio Paz. *In*: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 4. **Anais [...]**, Alicante, 1982, p. 425-433. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/la-segunda-epoca-en-la-poesia-de-octavio-paz/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

DUTRA, Luciano. Tradução, teorização, traição. Ensaio sobre estudos de tradução, de Gauti Kristmannsson. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 22, 2020, p. 367-414. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/download/181133/168077/464946>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradição e talento individual. *In*: ELIOT, Thomas Stearns (org.). **Ensaio**. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-47.

FAUSTINO, Mario. **Poesia completa, poesia traduzida**. Texas: Max Limonad, 1985.

FERRON, Fabio Maleronka; COHN, Sergio. Paulo Henriques Britto: Poeta e Tradutor (Entrevista). **RUBI – Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais**, Casa Rui Barbosa, São Paulo, 30 abr. 2010, p. 1-7. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/7195/80/Paulo%20Henriques%20Britto%20-%20entrevista%2030.04.2010.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FISHER, Andrés. Haroldo de Campos y Homero: de la escritura que genera escritura a la transcreación y la épica. **Guaraguao**, Barcelona, ano 15, n. 37, 2011. p. 117-129. Disponível em: <https://www.revistaguaraguao.es/producto/haroldo-de-campos-y-homero-de-la-escritura-que-genera-escritura-a-la-transcreacion-y-la-epica/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FONTES, Joaquim Brasil. **Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

FURLAN, Mauri. Linguagem e tradução em Walter Benjamin. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 11. **Anais [...]**, João Pessoa, 1997 [1996]. p. 551-556.

GADDA, Carlo Emilio. **Ungaretti – Difficoltà della poesia**. Milano: Torino (Edizioni Radio Italiana), 1952.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. *In*: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2014 [1985].

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004 [1971].

GARCÍA BONILLA, Roberto. Condenas, ficciones y rescates de la memoria. Entrevista com Beatriz Sarlo. **Iberoamericana**, Buenos Aires, v 1, n. 24, 2006. p. 178-189. Disponível em: <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/915>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GERONIMO, Vanessa. A Teoria da Transcrição de Haroldo de Campos: O Tradutor como Recriador. **Qorpus**, n. 13, 2014. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-013/a-teoria-da-transcricao-de-haroldo-de-campos-o-tradutor-como-recriador-vanessa-geronimo/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

GESSNER, Ricardo. Transcrição, transconceituação e poesia. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 2, 2016, s.p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682016000200142. Acesso em: 11 fev. 2020.

GRASSI, Ernesto. Die Theorie des Schönen in der Antike. In: ALEWYN, Richard; SÄLZE, Karl. **Das Grobe Welttheater**: Die Epoche der höfischen Feste. Hamburgo: Rowohlt, 1959.

GRECCO, Priscila Miraz de Freitas. *Blanco e Transblanco*: o encontro entre Octavio Paz e Haroldo de Campos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 9. **Anais [...]**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2010, p. 1-14.

GRECCO, Priscila Miraz de Freitas. Blanco e transblanco: o encontro entre Octavio Paz e Haroldo de Campos. Universidade Federal de Goiás, 2010, p. 1-14. Disponível em: https://www.pucsp.br/cehal/downloads/textos_congresso_goiania_2010/06_08_2010_Grecco%20PMF.pdf Acesso por última vez em 13 de março de 2019.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Fausto. Tradução de Antonio Feliciano de Castilho. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Gráfica Ed. Bras., 1949.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos; HOMEM DE MELLO, Simone (org.). **Haroldo de Campos, Tradutor e Traduzido**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GUIMARÃES, Geovanna Marcela da Silva. A transcrição de Haroldo de Campos e a Identidade Nacional. **ZUNÁI – Revista de poesia & debates**, ano IX, n. XXVI, mar. 2013. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/geovanna_guimaraes_haroldodecampos.htm. Acesso em: 22 jun. 2017.

GUIMARÃES SILVA, Rodrigo. A branca sintaxe na poética de Haroldo de Campos. **O eixo e a roda**, Montes Claros, v. 13, 2006, p. 119-129. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3221. Acesso em: 25 abr. 2021.

GUIMARÃES SILVA, Rodrigo. **Altino Caixeta e Haroldo de Campos: poéticas da desconstrução**. 2006. 225 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6SJHG7/1/tesedefinitiva_17_09_2006_e_mail.pdf. Acesso em: 02 mar. 2020.

GULLÓN, Ricardo. The Universalism of Octavio Paz. **Books Abroad**, Oklahoma, v. 46, n. 4, 1972, p. 585-595. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40126504>. Acesso em: 25 abr. 2021.

HILGERT, Mariana Cristine. Sobre a arte de criar rascunhos: a tradução segundo Jorge Luis Borges. **Scientia Traductionis**, n. 13, 2013. p. 132-149.

HIROSHIMA, MON AMOUR. Direção: Alain Resnais. Roteiro: Marguerite Duras. Distribuidor: Pathé. Gênero: Drama. Idioma: Francês. Preto e branco, 90 minutos (1 DVD). Ano: 1959.

HOMEM DE MELLO, Simone. Apresentação. **Transluminura – Revista Estética de Literatura**, São Paulo, n. 1, 2013. p. 7-8. Disponível em: <http://www.casadasrosas.org.br/crhc/arquivos/transluminura1.pdf> Acesso em: 22 dez. 2018.

HOMEM DE MELLO, Simone. Similitude Alheia. A Poesia Alemã como fio condutor da Teoria Poético Tradutória de Haroldo de Campos. *In*: GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos; HOMEM DE MELLO, Simone (org.). **Haroldo de Campos, tradutor e traduzido**. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 177-196.

JACKSON, David. A Transcrição e o Transcriador: Haroldo de Campos, Coreógrafo de Poesia. *In*: GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos; HOMEM DE MELLO, Simone (org.). **Haroldo de Campos, Tradutor e Traduzido**. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 3-19.

JACKSON, David. Augusto de Campos e o Trompe-l'oeil da poesia concreta. *In*: SÜSEKIND, Flora; GUIMARÃES, Julio Castañón (org.). **Sobre Augusto de Campos**. Rio de Janeiro: 7letras, 2004.

JACKSON, David. A educação do sexto sentido: poesia e filosofia em Haroldo de Campos. *In*: CAMPOS, Haroldo. **A educação dos cinco sentidos**. São Paulo: Iluminuras, 2013 [1985]. p. 9-12.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2003 [1975]. p. 118-162.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. *In*: VENUTI, Lawrence (ed.). **The translation studies reader**. Londres/Nova York: Routledge 2000 [1959]. p. 113-118.

JAUSS, Hans Robert. Tradição literária e consciencia atual da modernidade *In*: OLINTO, Heidrun Krieger (org.). **Histórias de Literatura: As novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996 (1965). p. 47-81.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, Jacques. (1936). Para-além do princípio de realidade In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAFER, Celso & CAMPOS, Haroldo. Conversa sobre Octavio Paz. **Revista USP**, São Paulo, n.101, 1990-1991, p. 91-104. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/52147/56196>. Acesso em: 24 abr. 2021.

LAFER, Celso. Haroldo e Octavio Paz: convergências e afinidades. In: MENDONÇA, Julio (org.). **Que pós utopia é esta?** São Paulo: Casa das Rosas, 2018. p. 17-21.

LA REGINA, Silvia. “Se ben ricordo”: memoria e intertesto nella Commedia di Dante. **Revista de Italianística**, Universidade de São Paulo, n. XVIII, 2009. p. 139-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/56922>. Acesso em: 19 abr. 2021.

LÁZARO IGOA, Rosario. Resenha de CAMPOS, Haroldo. In: CAMPOS, Haroldo. **Galaxias/Galáxias**. Tradução de Reynaldo Jimenez. Montevideu: La Flauta Mágica, 2010.

LÁZARO IGOA, Rosario. De la traducción: notas sobre el aparato paratextual de Transblanco. **In-traduccões**, Santa Catarina, v. 3, n. 4, 2011a, p. 13-25. Disponível em: <http://stat.necat.incubadora.ufsc.br/index.php/intraducoes/issue/view/399>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LÁZARO IGOA, Rosario. **Transblanco de Octavio Paz/Haroldo de Campos: Análisis paratextual del acuerdo autor/tradutor**. 2011b. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2011b. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95510>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LEMAÎTRE, Monique. Reseña. **Revista Iberoamericana**, Petersburg, University of Pittsburgh, . 66, 1968, p. 380-382. Disponível em: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/2315>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LETÉLIER, Agustín. La identidad latinoamericana en la visión de dos premios nobel de literatura, Pablo Neruda y Octavio Paz. **Monográficos Sinoele**, Pequim, n. 14, 2016, p. 571-580. Disponível em: <http://www.sinoele.org/index.php/proyectos-de-investigacion/107-edicion-actas-ahh-pekin-2010>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LINK, Luther. **O Diabo**: máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOCANE, Jorge Joaquín. Transluciferaciones. Esbozo de una genealogia para una literatura mundial irreverente. **Revista de Literatura Hispánica**, Cranston, n. 87, 2018, p. 134-143. Disponível em: <https://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss87/12/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LOMBARDI, Andrea. Transumanar, transcriar. In: CAMPOS, Haroldo de. **Pedra e Luz na Poesia de Dante**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. p. 9-17.

LOMBARDI, Andrea. Haroldo de Campos e a interpretação luciferina. **Cadernos de Tradução**, [S.l.], p. 182-197, out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v3nespp182>. Acesso em: 22 dez. 2018.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin**: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005 [2001].

LUCENA, Sarah Catão. Funes, o arquivista da memória – Reflexões sobre memória e esquecimento na contemporaneidade. **Baleia na Rede**, Marília, v. 1, n. 8, 2011, p. 90-97. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/1762>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MACHADO, Cassiano Elek. O arco-íris branco de Haroldo (Entrevista). **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 23 ago. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq230802.htm>. Acesso em: 16 set. 2018.

MACHADO, Lino. S, SSS / R, RRR / SE, RE: nascer e morrer em duas figuras triangulares (To be born and to die in two triangular figures). **Estação Capixaba**, Literatura, Teoria e Crítica, 12 jan. 2015. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2015/12/s-sss-r-rrr-se-re-nascer-e-morrer-em.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MACIEL, Maria Esther. América Latina reinventada: Octavio Paz e Haroldo de Campos. **Revista Iberoamericana**, v. LXIV, n. 182-183, 1998, p. 219-228.

MACIEL, Maria Esther. **As vertigens da lucidez**: poesia e crítica em Octavio Paz. São Paulo: Editora Experimento, 1995.

MACIEL, Maria Esther. Convergências/Divergências: Haroldo de Campos e Octavio Paz. In: MENDONÇA, Julio (org.). **Que pós utopia é esta?** São Paulo: Casa das Rosas, 2018. p. 22-32.

MACIEL, Maria Esther. Desafios da tradução criativa: invenção, “transfingimento” e cruzamentos culturais. **ZUNÁI – Revista de poesia & debates**, v. 21, 2010. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/maria_esther_maciel_traducao_criativa.htm. Acesso em: 22 abr. 2021.

MARTHA, Diana Junkes Bueno. Constelações pós-utópicas: sobre a poesia de Haroldo de Campos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** [on-line], Brasília, n. 51, 2017. p. 155-181. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-40182017000200155&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 abr. 2021.

MARTHA, Diana Junkes Bueno. Poesia-ideograma: a lua móbile de Li Bai reimaginada por Haroldo de Campos. **Cadernos de Literatura em Tradução**, São Paulo, n. 14, 2013, p. 153-171. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/97012>. Acesso em: 23 abr. 2021.

MARTHA, Diana Junkes Bueno. Constelações pós-utópicas: sobre a poesia de Haroldo de Campos. *In*: MENDONÇA, Julio (org.). **Que pós utopia é esta?** São Paulo: Casa das Rosas, 2018. p. 50-75.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MATA, Rodolfo (ed.). Haroldo de Campos y Octavio Paz: del diálogo creativo a la mediación institucional. **Latinoamérica – Anuario de estudios latinoamericanos**, México, n. 32, 2001, p. 131-154.

MATAMORO, Blas. Metáfora y traducción. **Cuadernos Hispanoamericanos**, v. 505-507, p. 425-35, jul./set 1992.

MATEDI, João Paulo. Haroldo de Campos e a tradução: para além da angústia da influencia. **REEL – Revista eletrônica de estudos literários**, Vitória, s. 2, a. 6, n. 6, 2010.

MÊNCIO. Disponível em: <http://chines-classico.blogspot.com/2007/07/mncio-02.html>. Acesso em: 18 out. 2018.

MENDONÇA, Julio. Introdução. *In*: MENDONÇA, Julio (org.). **Que pós utopia é esta?** São Paulo: Casa das Rosas, 2018. p. 13-15.

MESCHONNIC, Henri. Propositions pour une poétique de la traduction. **Langages**, Paris, n. 28, 1972. p. 49-54. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1972_num_7_28_2097. Acesso em: 21 abr. 2020.

MILÁN, Eduardo. **Resistir**: insistencias sobre el presente poético. 1. ed. México: CONACULTA, 1994.

MINNERMANN, Klaus Meyer. Octavio Paz-Haroldo de Campos Transblanco: punto de intersección de dos escrituras poéticas de la Modernidad. **Poligrafías**, México, n. 3, 1998-2000, p. 102-116.

MONEGAL, Emir Rodriguez. Borges: uma poética da leitura. São Paulo: Perspectiva: 1980.

MUKAROVSKY, Jan. **Sullo Strutturalismo, La Funzione, La Norma e Il Valore Estético come Fatti Social**. Torino: Einaudi, 1974.

NASCIMENTO, Evandro. Traduzindo Haroldo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 19, 2011. p. 25-42. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/269/273>. Acesso em: 28 fev. 2020.

NERUDA, Pablo. **Obras completas**. Buenos Aires: Losada, 1966.

NÓBREGA, Thelma Médice; GIANI, Giana M. G. Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paulo Vizioli falam sobre tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 11, n. 1, 2012 [1988], p. 53-65. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639057/6653>. Acesso em: 24 abr. 2021.

NÓBREGA, Thelma Medici. Transcrição e hiperfidelidade. **Cadernos de Literatura**, n. 7, 2006, p. 249-255.

OLINTO, Antonio. Heidegger e a linguagem. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/heidegger-e-linguagem>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ORTEGA, Julio. Uma Hipótese de Leitura. Tradução de Haroldo de Campos. *In*: CAMPOS, Haroldo de; PAZ, Octavio. **Transblanco**. São Paulo: Siciliano, 1994.

OCTAVIO PAZ

PAZ, Octavio. A consagração do instante. *In*: PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva: 1996.

PAZ, Octavio. Invenção, subdesenvolvimento, modernidade. *In*: PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva: 1996 [1967], p. 133-137.

PAZ, Octavio. **Tradução**: literatura e literalidade. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009 (1970).

PAZ, Octavio. **Blanco**. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1967.

PAZ, Octavio. **Blanco**. Rtp. **En 1972 junto con Archivo Blanco**. México: Editorial Enrico Mario Santi, 1995.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

PAZ, Octavio. **El signo y el garabato**. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1973.

PAZ, Octavio. **Los hijos del limo**. México: Iberoamericana, 1974. Disponível em: <https://libroschorcha.files.wordpress.com/2017/12/los-hijos-del-limo-octavio-paz.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAZ, Octavio. Piedra de Sol. *In*: PAZ, Octavio. **Libertad bajo palabra**. México: Fondo de Cultura Económica, 1960.

PAZ, Octavio. **Poemas (1935-1975)**. Barcelona: Seix-Barral, 1979.

PAZ, Octavio. **Poesía en movimiento**. México: Siglo XXI, 1966.

PAZ, Octavio. Tiempos cruzados. *In*: PAZ, Octavio. **Vuelta**. México: Letras Libres, n. 190, set. 1992, p. 11-13.

PERRONE, Charles A. Laudas, Lances, Lendas e Lembranças: Haroldo de Campos na Austineia Desvairada. Conferência proferida na Casa das Rosas, em 24 de Julho de 2013.

PAZ, Octavio. **Seven Faces: Brazilian Poetry Since Modernism**. Durham: Duke University Press, 1996.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em:

PIETROFORTE, Antonio Vicente; CORREA, Thiago Moreira; BRAVO, Rodrigo. **Ernesto na torre de babel**. São Paulo: Annablume Literária, 2016.

PIGLIA, Ricardo. Entrevista a José Castello. **O Estado de S. Paulo**, Caderno 2, São Paulo, 24 jun. 1994.

PIGNATARI, Décio. Mallarmé – a conquista do impreciso na linguagem poética: uma tradução de “L'après-midi d'un faune”. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Mallarmé**. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 107-114. Disponível em: https://monoskop.org/images/1/11/De_Campos_Pignatari_de_Campos_Mallarme_3a_ed.pdf. Acesso em: 25 abr. 2021.

PINTO, Débora Morato. **Consciência e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PONT, Jaume. Visión y forma del espacialismo en Octavio Paz: Topoemas. **Akten des internationalen Berliner Kolloquiums**, Berlim, 1991, p. 461-472.

POUND, Ezra. **Antologia poética**. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1985.

PRADO, Vinícius de Oliveira. **Octavio Paz e a compreensão do instante**. 2019. 333 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-26112019-112357/publico/2019_ViniciusDeOliveiraPrado_VOrig.pdf. Acesso em: 27 fev. 2020.

PULVIRENTI, Emma Sepúlveda. Donde termina el poema empieza la poesía: la página en blanco como lenguaje. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 10. **Anais [...]**, Madri, v. 4, 1992, p. 1313-1322.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009 (2000).

RIVERA, Jorgelina. **Duas poéticas da leitura: tradição e invenção de precursores nos projetos literários de Jorge Luis Borges e Haroldo de Campos**. 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015. 167 f. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127718/000844057.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROBAYNA, Andrés Sánchez. Prefácio à primeira edição espanhola. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **A educação dos cinco sentidos**. São Paulo: Iluminuras, 2013 [1985]. p. 13-17.

ROBB, Kevin. Psyche and logos in the fragments of Heraclitus: the origins of the concept soul. **The Monist**, v. 59, n. 3, 1986, p. 315-351.

RODRIGUES, Henrique Estrada. A utopia do mínimo que resta: o lance dos lances do velho Haroldo. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, Rio de Janeiro, n. 21, 2017. p. 71-90. Disponível em: http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_21_HenriqueEstrada.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

ROHR, Cilene Trindade. A poética sincrônica de Haroldo de Campos. **Leitura**, Maceió, n. 45, 2010, p. 15-22. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/243>. Acesso em: 25 abr. 2021.

RUPP, Rafaela. **Linguagem e criação em Walter Benjamin e Haroldo de Campos**, [resumo de Relatório de Pesquisa], Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2016/resumos_pdf/ccs/HIS/Rafaela%20Rupp.pdf. Acesso em: 16 mar. 2019.

SÁNCHEZ ZAMORANO, José Antonio. Historia y poesía en Octavio Paz. **Anales de Literatura Hispanoamericana**, Madri, n. 28, 1999, p. 1205-1221. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/download/ALHI9999221205A/22460/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SANDOVAL, Rodolfo Mata. **Octavio Paz e Haroldo de Campos: contradições da modernidade na América Latina**. 1993. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001179718>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SANTAELLA, Lucia. Transcriar, Transluzir, Transluciferar: a Teoria da Tradução de Haroldo de Campos. *In*: MOTTA, Leda Tenorio da (org.). **Céu acima. Para um ‘tombeau’ de Haroldo de Campos**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 221-232.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: SANTIAGO, Silviano (org.). **Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 [1978]. p. 9-26.

SANTOS PINTO, Jorge Tarcísio. O conceito de experiência em Benjamin e em Bergson: reflexões introdutórias. **ALFE**, Acre, v. 3, 2015. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/71>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SANTOS SILVA, Maria Ivonete. A poética de convergência de Octavio Paz. **Letras & Letras**, Uberlândia, n. 22, jan./jun. 2006, p. 205-223. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25225/14040>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SANTOS, Karoline Biscardi. O ideograma e a poesia concreta brasileira: um estudo de dois poemas de Haroldo de Campos. **ReVeLe**, UFMG, n. 2, jan. 2011. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/viewFile/3648/3621>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SARLO, Beatriz. **Siete ensayos sobre Walter Benjamin**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007a [2000].

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b [2005].

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHOPF, Federico. **La antipoesia**: ¿comienzo o final de una época? Universidade de São Paulo: São Paulo, 2004.

SCRAMIM, Susana. **Para Além do “Cisco do Sol no Olho”**. 1991. 247 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/75737/84292.pdf;sequence=1>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SCHÜLER, Donald. Um lance de nadas na épica de Haroldo. **Donald Schüler Copyright**, 1998. Disponível em: <http://www.schulers.com/donaldo/haroldo.htm>. Acesso em: 06 mar. 2021.

SELDEN, Raman. **La teoría literaria contemporánea**. Barcelona: Ariel, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre o *anarquívamento* – um encadeamento a partir de Walter Benjamin. **Poiésis**, Niterói, n. 24, 2014, p. 35-58. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/p24/pdf/p24-dossie-3-marcio-seligmann-silva.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2020.

SILVA, Alexandre Rocha. **Elementos para uma comunicação pós-midiática**. São Paulo: Unisinos, 2003.

SILVA, Luciana de Mesquita. Olhares em trânsito pela tradição: Os irmãos Campos tradutores. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 2, 2005, s/p. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26827>. Acesso em: 09 fev. 2020.

SISCAR, Marcos. A alavanca da crise: a poesia “pós-utópica” de Haroldo de Campos. **Remate de Males**, Campinas, v. 34, n.1, 2014a. p. 81-94. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635833>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SISCAR, Marcos. O Tombeau das vanguardas: a “pluralização das poéticas possíveis” como paradigma crítico contemporâneo. **Alea**: Estudos Neolatinos, v. 16, n. 2, 2014b. p. 421-443. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33032208011>. Acesso em: 04 mar. 2020.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. **O Guesa**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2009 [1862].

STERZI, Eduardo. Museus de tudo (notas iniciais para um ensaio de história da poesia brasileira contemporânea). *In*: MENDONÇA, Julio (org.). **Que pós utopia é esta?** São Paulo: Casa das Rosas, 2018. p. 89-101.

STOLF, Raquel. Quase todos os sentidos da coisa: ruídos do branco. *In*: STOLF, Raquel. **Espaços em branco**: entre vazios de sentido, sentidos de vazio e outros brancos. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: http://www.casthalia.com.br/periscope/ano4/raquel_stolf/ruídosdobranco.htm. Acesso em: 18 abr. 2021.

SUCRE, Guillermo. **La máscara, la transparencia**. Ensayos sobre literatura hispanoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

TAPIA, Marcelo. Apresentação. *In*: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (ed.). **Haroldo de Campos**: transcrição. Perspectiva: São Paulo, 2015. p. IX-XVI.

TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (ed.). **Haroldo de Campos**: transcrição. Perspectiva: São Paulo, 2015.

TAVARES, Marcela. O conceito de aura em Benjamin e Didi-Huberman. **Exagiumm – Revista de Filosofia**, Ouro Preto, n. 8, 2010.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Poétique saussurienne, poétique jakobsonienne: Quels rapports? *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE HISTORY OF THE LANGUAGE SCIENCES, 13. **Artigos selecionados [...]**, Portugal, ago. 2014.

TIRLONI, Larissa Paula. **A obra poética de Octavio Paz**: transculturação e transcrição na tradução de Blanco, por Haroldo de Campos. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/12.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

TONETO, Diana Junkes Martha. Haroldo de Campos e a Utopia da Escritura Original. **Fronteiraz**, São Paulo, PUC, n. 9, 2012, p. 175-187. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/13035>. Acesso em: 19 abr. 2021.

TONETO, Diana Junkes Martha. O relógio do rosário anuncia a máquina do mundo: Haroldo de Campos relê Drummond. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, 2011, p. 13-21. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9488>. Acesso em: 25 abr. 2021.

TORRES, Armando González. El joven Octavio Paz. *In*: TORRES, Armando González. **Las guerras culturales de Octavio Paz**. México: Colibrí, 2002. Disponível em: http://letras-uruguay.espaciolatino.com/aaa/gonzalez_torres_armando/joven_octavio_paz.htm. Acesso em: 25 abr. 2021.

VALÉRY, Paul. **Variations sur les Bucoliques**. Paris: Gallimard, 1956.

VALLEJO, Cesar. **The complete posthumous poetry**. Califórnia: University of California Press, 1980.

VARGAS, Rubén. **La torre abolida y otros poemas**. La Paz: Plural Ediciones, 2003.

VERANI, Hugo. **Octavio Paz: el poema como caminata**. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difel, 1973.

VILELA, Lúcia Helena de Azevedo. Tesouros alquímicos: transtextualidade em J. G. Rosa e W. B. Yeats. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 1, 1997. p. 11-20. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/2135>. Acesso em: 23 abr. 2021.

WILKINSON, Philip. **O livro ilustrado da mitologia**. Tradução de Beth Vieira. 2. ed. São Paulo: Publifolha. 2002.

WILLIAMS, Carlos William. Uma espécie de canção. Nota e tradução de José Lino Grünewald. **Correio da Manhã**. 24 nov. 1968. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/william-carlos-williams-poemas/>. Acesso em: 16 set. 2018.

WILLIAMS, Carlos William. Uma espécie de canção. Tradução de José Paulo Paes. *In*: PAES, José Paulo. **Poemas** [seleção, tradução e estudo crítico de José Paulo Paes]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WROBEL, Jasmin. Construyendo puentes: Haroldo de Campos como mediador cultural entre Brasil e Hispanoamerica. **Sophia Austral**, Magallanes, n. 15, 2015, p. 27-44.

WROBEL, Jasmin. Perspectivas pioneiras à tradição-cartografia e historiografia (*Welt*) literárias nas *Galáxias* de Haroldo de Campos. *In*: MENDONÇA, Julio (org.). **Que pós utopia é esta?** São Paulo: Casa das Rosas, 2018. p. 102-126.

YURKIEVICH, Saúl. **Fundadores de la nueva poesía latinoamericana**. Barcelona: Ariel, 1984.

DICIONÁRIOS

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CALDAS AULETE. **Novíssimo Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

PIERRE GRIMAL. **Dicionário da Mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [1951].